

Clitoridectomia: Discussões sobre a negação do prazer feminino na formação de professoras(es) de ciências naturais e química

Claudete Morais Barbosa

Discente na graduação em Biologia (licenciatura) pela Universidade Federal do Norte do Tocantins campus de Araguaína. Bolsista do Programa de Iniciação à docência (PIBID), Universidade Federal do Norte de Tocantins (UFNT). claudete.morais@mail.uft.edu.br

Yonier Alexander Orozco Marin

Membro da Comissão coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), da Universidade Federal do Norte de Tocantins (UFNT). Secretário da Regional IV da Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia. Professor no curso de Licenciatura em Biologia da UFNT; Doutor em Educação Científica e Tecnológica (UFSC), Mestre em Ensino de Ciências e Matemática (UFAC), Licenciado em Biologia (UDFJC).

yonier.marin@ufnt.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-4095-4875>

Resumo

O desenvolvimento humano, incluindo o sexual, é afetado por fatores culturais, sociais e religiosos. A pesquisa problematiza como professores(as) de ciências e química em formação encaram a abordagem da clitoridectomia e do prazer feminino em sala de aula. Revelou-se um desconhecimento sobre a anatomia do clitóris, com apenas 75% dos participantes identificando a posição do clitóris em desenhos, mas destacando unicamente sua anatomia externa. Em relação à educação sexual, os(as) futuros(as) professores(as) mostraram-se inseguros(as) ou pouco preparados(as) para lidar em sala de aula com possíveis situações de sexualidade envolvendo o clitóris e o prazer feminino, com posicionamentos variando entre o silêncio, a falta de qualificação para abordar o assunto e preocupações sobre reações da comunidade escolar. Conclui-se que a ausência de abordagens de educação sexual emancipadora na formação docente contribui para o apagamento do prazer feminino e a perpetuação de estereótipos de gênero. Recomenda-se uma abordagem inclusiva e crítica nas escolas, visando desafiar esses estereótipos e promover uma educação sexual integral e emancipatória.

Palavras-chave: Clitóris, Educação sexual, Ensino de Ciências, Gênero.

Clitoridectomy: Discussions about the denial of female pleasure in the training of natural science and chemistry teachers

Abstract

Human development, including sexual development, is affected by cultural, social and religious factors. The research problematizes how science and chemistry teachers in training view the approach to clitoridectomy and female pleasure in

the classroom. A lack of knowledge about the anatomy of the clitoris was revealed, with only 75% of participants identifying the position of the clitoris in drawings, but only highlighting its external anatomy. In relation to sexual education, future teachers were insecure or unprepared to deal with possible sexuality situations involving the clitoris and female pleasure in the classroom, with positions ranging from silence, lack of qualifications to address the issue and concerns about reactions from the school community. It is concluded that the absence of emancipatory sexual education approaches in teacher training contributes to the erasure of female pleasure and the perpetuation of gender stereotypes. An inclusive and critical approach in schools is recommended, aiming to challenge these stereotypes and promote integral and emancipatory sexual education.

Keywords: Clitoris, Gender, Sexual education, Science teaching.

Clitoridectomía: Discusiones sobre la negación del placer femenino en la formación de profesores de ciencias naturales y química

Resumen

El desarrollo humano, incluido el desarrollo sexual, se ve afectado por factores culturales, sociales y religiosos. La investigación problematiza cómo los profesores de ciencias y química en formación ven el abordaje de la clitoridectomía y el placer femenino en el aula. Se reveló un desconocimiento sobre la anatomía del clítoris, ya que sólo el 75% de los participantes identificaron la posición del clítoris en los dibujos, pero solo resaltaron su anatomía externa. En relación a la educación sexual, los futuros docentes se mostraron inseguros o poco preparados para enfrentar posibles situaciones de sexualidad que involucran el clítoris y el placer femenino en el aula, con posturas que van desde el silencio, la falta de calificación para abordar el tema y la preocupación por las reacciones de la comunidad escolar. Se concluye que la ausencia de enfoques de educación sexual emancipadora en la formación docente contribuye a la desaparición del placer femenino y a la perpetuación de los estereotipos de género. Se recomienda un enfoque inclusivo y crítico en las escuelas, con el objetivo de desafiar estos estereotipos y promover una educación sexual integral y emancipadora.

Palabras clave: Clítoris, Educación sexual, Enseñanza de las ciencias, Género.

Introdução

A formação humana é composta por diversas etapas, nas quais são um período em que acontece o desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial, sendo também um grande e importante aspecto o desenvolvimento sexual que acontece durante todo o processo de formação do indivíduo. Entretanto, quando esse desenvolvimento sexual analisado é o feminino, pode-se notar que ele é atravessado por diversos marcadores, principalmente o machismo que entra como forma de tomar, negar e inferiorizar. Pierre Bourdieu (1999) afirma que a “dominação masculina” é legitimada e pautada historicamente, socialmente e

culturalmente, perpetuando a submissão feminina em detrimento da superioridade masculina. Particularmente nos contextos escolares também se reproduzem normas culturais que associam o prazer das mulheres cisgênero e transgênero como algo pecaminoso ou que deve ser silenciado, mantido no lugar do privado.

A história da psicologia, área que influencia as dimensões educativas, também tem estado marcada pela instauração de discursos sobre a sexualidade e prazer feminino como questão patológica. De certa forma podemos entender que os trabalhos de Freud também podem contribuir com essas narrativas em determinados aspectos, quando se entende que o falo (pênis) é tido como representação maior do poder, que a castração da mulher ocorre quando percebe a falta dele e que a maioria das neuroses femininas se dá também por esse fator, abrindo margens que foram e que são usadas dentro das construções de discursos machistas. Visto ainda que há a dificuldade dos estudos de Freud em estudar a vida sexual feminina, sendo um continente obscuro até mesmo à psicologia.

A vida sexual dos homens somente se tornou acessível à pesquisa. A das mulheres ainda se encontra mergulhada em impenetrável obscuridade. Em consequência de circunstâncias desfavoráveis, tanto de natureza externa quanto interna, as observações seguintes se aplicam principalmente ao desenvolvimento sexual de apenas um sexo - isto é, o dos homens... Sabemos menos sobre a vida sexual das meninas que sobre a dos meninos. Mas, não precisamos nos envergonhar dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas constitui um continente obscuro para a psicologia (Freud, 1925, p. 273-274).

Entretanto, um dos principais fatores para contribuição da negação do prazer feminino está atrelado às questões religiosas, principalmente em se tratando da moral cristã, “A moral sexual no cristianismo é particularmente rigorosa. Só tolera o prazer sexual dentro do contexto do matrimônio e dentro de uma normalidade basicamente de ordem biológica. [...] o prazer sexual, mesmo o mais leve, é logo tido como pecado mortal” (Snoek, 1981, p. 110).

Tal fator faz com que contribua para o sentimento de culpa em relação ao prazer que percorre até os dias de hoje, principalmente nas mulheres cisgênero, por ser algo que não é do seu direito, como afirma Vitiello (1998) quando entende que historicamente o prazer sexual é assegurado somente aos homens, não se limitando unicamente à procriação. Neste trabalho, entendemos que mesmo tendo especificidades, esse sentimento de culpa persegue mulheres cisgêneros e mulheres transgênero e travestis. A pesar de que neste trabalho focamos no apagamento simbólico do clitóris em aulas de ciências, algumas reflexões sobre o silenciamento do prazer feminino se aplicam também a outras formas de ser mulher para além da cisgeneridade e outras corporeidades como as dos homens transgênero e algumas pessoas não binárias.

Quando partimos para outras bases de crenças esse mecanismo se apresenta de forma mais diretas e invasivas, como é o caso da Clitoridectomia ou Mutilação Genital Feminina (MGF). como aparece em diversas literaturas, sendo uma forma bem mais diretiva de manter o controle sobre os corpos de mulheres cisgênero. Ramos (2018) afirma que a vigilância e controle do corpo e da expressão corporal e sexual de cada ser também pode ser explicada a partir de um olhar sobre o capitalismo e do poder, que também mercantiliza o corpo para aprisioná-lo, explorá-lo em prol do sustento do próprio sistema e aliená-lo. Ou seja, se referir ao prazer não é uma questão meramente fisiológica, mas envolve normas sociais, tradições e sistemas de poder, porém, percebemos que essas discussões nem sempre são aceitas ou bem-vindas em aulas de ciências naturais e de química (Marin e Oliveira, 2019) quando se discutem elementos relacionados com a sexualidade, mesmo em aulas de ciências alinhadas com a formação cidadã.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a MGF se trata de “todas as intervenções que envolvam a remoção parcial ou total dos órgãos genitais femininos externos ou que provoquem lesões nos órgãos genitais femininos.” Entretanto, em um paradigma geral, a MGF consiste principalmente como uma forma de controle e domínio da masculinidade sobre a virgindade e os aspectos sexuais do corpo feminino, sendo uma garantia das famílias em entregar para o marido uma esposa mais aceitável e pura, segundo Oberreiter (2008).

Tendo em vista que a justificativa dessa prática possa ser considerada religiosa é preciso entender todo o plano de fundo que abarca esse fenômeno que ocorre até os dias de hoje, principalmente em países com crenças herméticas e rígidas em relação aos direitos das mulheres. Por isso, é importante entender como uma negação ao prazer feminino, faz-se imprescindível perceber não somente as questões sexuais imersas nesse tema, mas também as questões políticas, como afirma Badran (2013).

No Brasil, existe o projeto de lei n.º 3.344, de 2015 que tipificou a MGF como crime de lesão corporal gravíssima, pautado no pressuposto que o número de imigrantes segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) em 2015 já era 3x maior que em 2005, no qual 65% das pessoas refugiadas no Brasil são de origem africana, nesse pressuposto o número de meninas e adolescentes em território brasileiro que correm o risco de ser alvo dessa mutilação. Entretanto, ao observar o contexto histórico e social brasileiro, pode-se perceber que há a mutilação simbólica em decorrência do apagamento que o clitóris sofre, não somente ele como também todos os aspectos que envolvem e permeiam o prazer feminino, que vão desde o tabu em falar sobre os próprios corpos até se perceberem e se enxergarem dentro dos livros didáticos e a falta de representatividade do órgão nas aulas e em tantos outros espaços (Ramos, 2018). Por isso, neste trabalho abordamos o que denominamos de clitoridectomia simbólica, porque embora existam legislações que proíbem a mutilação material do clitóris, social e culturalmente o clitóris ainda causa pânico moral e é silenciado em espaços educativos como as aulas de ciências e química, e quando abordado, aborda-se desde elementos anatômicos, sem trazer discussões políticas associadas ao prazer.

Em um aspecto geral faz-se de extrema importância que professores e professoras de ciências assumam essas discussões e estejam preparados para trabalhar adequadamente essas temáticas. Como afirmam Rufino e colaboradores (2013) é de responsabilidade do sistema escolar promover a educação integral tanto para a criança quanto para adolescente, sendo necessário que se discuta a sexualidade por meio da educação sexual de forma integral e multidisciplinar. Essas discussões devem ser objeto de discussão também em aulas de ciências, pois para além dos conteúdos dessas disciplinas, se faz importante problematizar em sala de aula normas culturais que se fundamentam em determinismos naturalistas e biológicos sem fundamento científico e que reproduzem violências históricas contra determinados corpos (Marin e Cassiani, 2020).

Furlani (2008) destaca que ensinar sobre sexualidade na escola não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino, mas envolve ensinar através da atitude do educador. Fatores que vão além da sua área de pesquisa em específico, proporcionando que os(as) alunos(as) possam viver sua sexualidade de forma emancipatória, prazerosa e efetiva.

Percebemos a necessidade de se trabalhar o ensino em biologia como um ensino decolonial e feminista, que permita o conhecimento e que influencie o senso crítico acerca dos fatos, que permita também a discussão de cisgeneridade, heteronormatividade, as relações de poder e combate às desigualdades sociais.

Essas brechas a que nos referimos podem constituir oportunidades para se discutir as estruturas de opressão e de desigualdade construídas social, cultural e historicamente pela herança colonial. Nesse caminho, destacamos que problematizar a cisgeneridade pode contribuir para a reflexão dos valores e características da biologia como ciência ocidental, e, sobre seu papel no combate às desigualdades sociais e as discriminações opressões que marcam os e as sujeitas. (Marin e Cassiani, 2021, p. 96.)

Ou seja, discutir pautas sociais é uma necessidade e desafio do ensino de ciências, incluindo o ensino de química. Portanto, o objetivo deste trabalho foi caracterizar as percepções de professoras(es) de ciências naturais e química em formação, de uma universidade da região norte do Brasil, sobre as possibilidades de abordar as questões associadas à clitoridectomia, o prazer feminino e o conhecimento do corpo das mulheres cisgênero em aulas de ciências, por meio do levantamento dessas percepções durante uma oficina abordando o protagonismo do clitóris no prazer feminino.

Metodologia

O presente trabalho se enquadra como uma pesquisa de natureza interventiva. Segundo Teixeira e Neto (2017) a pesquisa de natureza interventiva articula ação e pesquisa. Dentro dos tipos de pesquisa que compreendem a pesquisa de natureza interventiva, esta pesquisa se classifica como uma pesquisa de aplicação, pois envolve planejamento, aplicação e análise de dados sobre o processo desenvolvido (Teixeira e Neto, 2017), neste caso, uma oficina abordando a problematização sobre a clitoridectomia e o apagamento do prazer feminino na sociedade e em aulas de ciências e educação sexual, com professoras e professores de química em formação.

Contexto

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Araguaína. Araguaína é uma cidade localizada no Norte do estado do Tocantins. Fundada em 14 de novembro de 1958, a cidade é considerada uma das mais importantes do estado e desempenha um papel significativo na economia da região. A economia de Araguaína é impulsionada principalmente pela agropecuária e agricultura familiar. O estado possui um total de 171.301 habitantes segundo o último censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Os sujeitos participantes, que também foram o público alvo da aplicação da oficina realizada, foram alunos(as) do ensino superior do curso de licenciatura em Química da Universidade Federal do Norte de Tocantins. Segundo Marin (2019) a formação do(a) professor(a) de química sobre assuntos de gênero e sexualidade é um assunto pouco abordado e explorado, por isso é necessário que essas discussões não se restrinjam apenas ao ensino em biologia, apesar de ser a área em que se trabalha conceitos mais específicos como por exemplo anatomia do corpo humano, mas em que se tratando do campo de trabalho em sala de aula há a interdisciplinaridade na educação em Ciências.

No desenvolvimento da pesquisa foram feitas duas atividades norteadoras, a primeira foi feita no início da oficina dar início e a segunda ao final da oficina, a turma em que atividade foi aplicada continha cerca de doze (12) pessoas que concordaram através do TCLE (Termo de Compromisso Livre e Esclarecido) participar da pesquisa, contudo, nem todos participaram dos dois momentos por não se sentirem à vontade em responder a problemática postulada. Conotou-se no primeiro momento doze (12) respostas, as quais cinco (5) foram de pessoas do gênero masculino entre 18 e 38 anos, e seis (6) foram de pessoas do gênero feminino com idades entre 21 e 47 anos, e constatou-se uma resposta sem identificação.

Desenvolvimento da oficina

A partir dos três sentidos de ensino de biologia abordados por Marin e Cassiani (2020): 1) Sentidos do conhecimento científico biológico como eixo estruturador do ensino; 2) Sentidos de formação para a cidadania; 3) Sentidos de desconstrução de biológicas e desnaturalização das necropolíticas e entendendo que, para adotar uma metodologia que condiga com o contexto social vigente, é necessário ter em vista qual contexto o(a) aluno(a) está inserido e que objetivos o professor enquanto mediador do conhecimento

pretende alcançar. A metodologia adotada, bem como afirma Moreno e Ussa (2007), compreende que o ensino deve ter como pretensão formar estudantes capazes de pensar, relacionar e sistematizar, não só capaz de memorizar e dar definições.

Nesse íterim, utilizamos de uma oficina com sequências de ações que corroboram com as determinações da RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2019, a qual define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), em seu Art. 4º, inciso 1º, no que tange às competências específicas da dimensão do conhecimento profissional, estabelece a necessidade de reconhecer os contextos da vida dos estudantes, convergindo a prática pedagógica e o ensino à realidade vivenciada pelos estudantes. Nessa perspectiva, entende-se que assuntos que perpassam a educação sexual são transversais a sala de aula e o professor de ciências naturais necessitam estar preparados para ensinar de forma interligada às questões cotidianas tendo como eixo estruturador o conhecimento científico, pois bem como ainda determina a BNC formação, é necessário dominar os objetos de conhecimento e saber como ensiná-los.

Contudo, entendendo que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) determina os componentes e habilidades que o(a) professor(a) de ciências naturais devem trabalhar em sala de aula, encontramos uma problemática eminente, haja vista que os currículos não estão constituídos a fim de abordar temáticas de educação sexual de forma a quebrar paradigmas, mas sim fortalecendo sua estrutura patriarcal. Como apontam Ramalho e Vieira (2020) há a ausência da temática sobre a estrutura de gênero na sociedade na BNCC e este silêncio não significa um negligenciamento sobre o assunto, mas sim uma confirmação e apoio para a naturalização das estruturas atuais sobre as desigualdades de gênero.

A oficina proposta se dividiu em três momentos apresentados no quadro 1.

Quadro 1

Divisão dos momentos da oficina de acordo com atividades realizadas

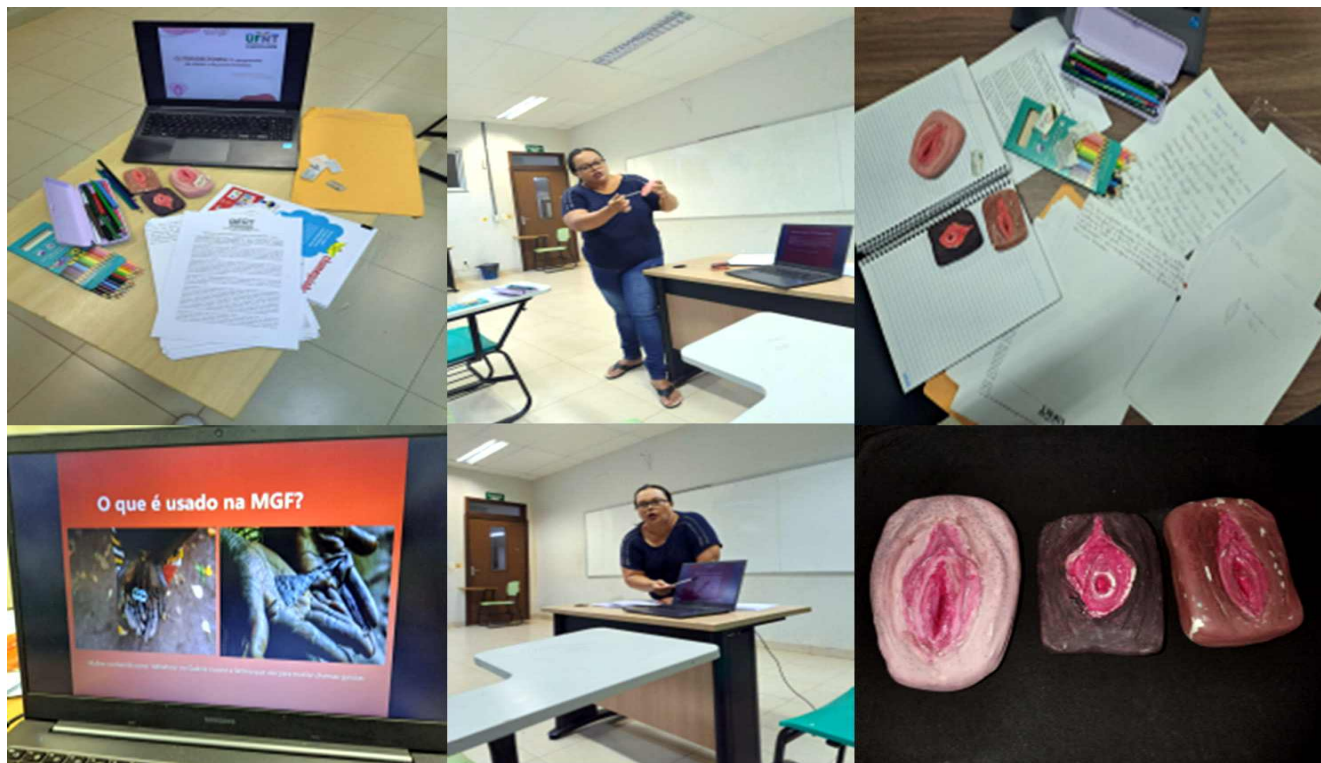
Momento 1	Momento 2	Momento 3
1- Assinatura do TCLE.	1 - Apresentação da temática da clitoridectomia e apagamento do prazer feminino, através do uso de ferramentas áudio-visuais.	1- Atividade de finalização a partir de situação - problema.
2- Apresentação da temática.		2- Feedback dos(as) participantes da oficina.
3 - Atividade Norteadora que consiste no desenho da vulva e localização do clitóris a partir de conhecimentos prévios.	2- Apresentação da Vulva através de moldes ilustrativos.	
	3- Debates livres e perguntas dos(as) estudantes.	

Fonte: Elaboração própria.

Na figura 1, apresentamos algumas imagens dos momentos de aplicação da oficina com professoras(es) de química em formação.

Figura 1

Imagens de momentos da aplicação da oficina



Fonte: Elaboração própria.

Construção e análise dos dados

Para realização do presente estudo, foi aplicado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, em que os estudantes ficaram cientes do uso das informações prestadas para o presente trabalho, garantindo sigilo sobre dados da identidade e tratamento ético das informações de acordo com os objetivos da pesquisa.

A partir da atividade norteadora, foi possível obter previamente o desenho da vulva e identificação do clitóris a fim de entender os conhecimentos prévios dos(as) participantes. Os desenhos dos(as) participantes foram analisados qualitativamente, com a finalidade de problematizar as percepções dos(as) participantes sobre aspectos anatômicos da vulva e o clitóris.

Após os momentos 1 e 2, foi proposto um caso em que os pesquisados necessitam de se posicionar mediante uma situação hipotética. A situação apresentada foi: "Uma criança/adolescente descobre de maneira involuntária (durante o banho) que mexer no "clitóris" causa uma sensação "estranha" (boa), procurou no livro didático e não encontrou nada sobre o assunto. Então ela leva para a sala/professor(a) e pergunta se é normal ou se ela está doente e se pode continuar fazendo. Você como professor(a) de Química agiria de que forma nessa situação?". Partindo disso, pode-se observar a relação dos(as) futuros(as) professores com a temática educação sexual na sala de aula, observando como os(as) mesmos(as) se portariam diante da situação, usamos para tal alguns tópicos de questionamentos para análise: Os(as) professores(as) esclarecem a informação? Se envolvem ou se abstém da situação? Mobilizam conhecimentos científicos? Respondem a partir de paradigmas estruturais da sociedade?

Após toda a coleta de dados, fez-se uma análise qualitativa das respostas. Sendo assim, selecionou-se fragmentos ou trechos que trate especificamente sobre as (im)possibilidades de abordar as questões associadas à clitoridectomia, o prazer feminino e o conhecimento do corpo das mulheres cisgênero em aulas de ciências.

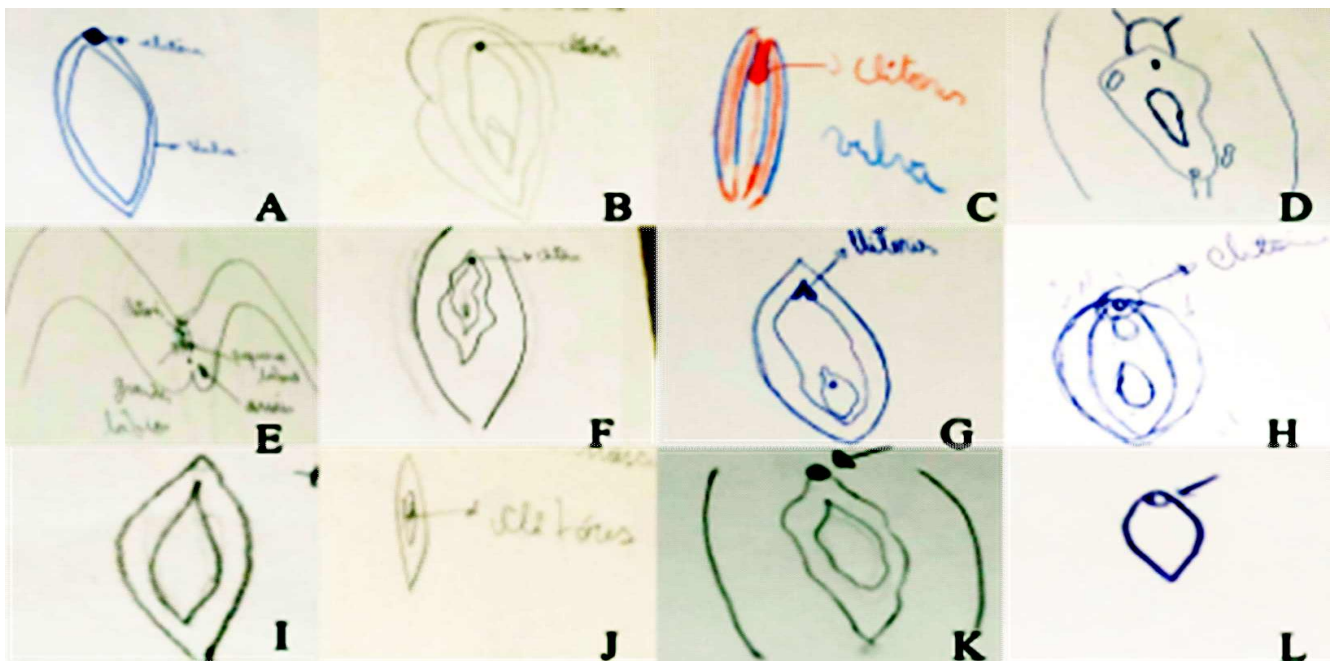
Resultados e Discussões

O desconhecimento do clitóris

A partir dos dados obtidos com os desenhos desenvolvidos no primeiro momento da oficina, evidenciou-se que 75% dos(as) participantes conseguiram apontar a região do clitóris, porém, em sua grande parte os desenhos não conseguiram mostrar com clareza a anatomia da vulva bem como mostra a figura 2. Sendo assim, 25% não conseguiram apontar a região solicitada na pergunta inicial. Com isso, evidencia-se a fragmentação do conhecimento acerca da anatomia sexual feminina¹, o que nos mostra clara ausência de educação sexual na formação de professores(as) de química (Marin, 2019), bem como a negação estrutural do prazer feminino sendo repercutido culturalmente (Ramos, 2018).

Figura 2

Desenhos feitos a partir do Momento 1 da oficina, na concepção dos(as) professores(as) como é a vulva e onde se localiza o clitóris.



Fonte: Elaboração própria.

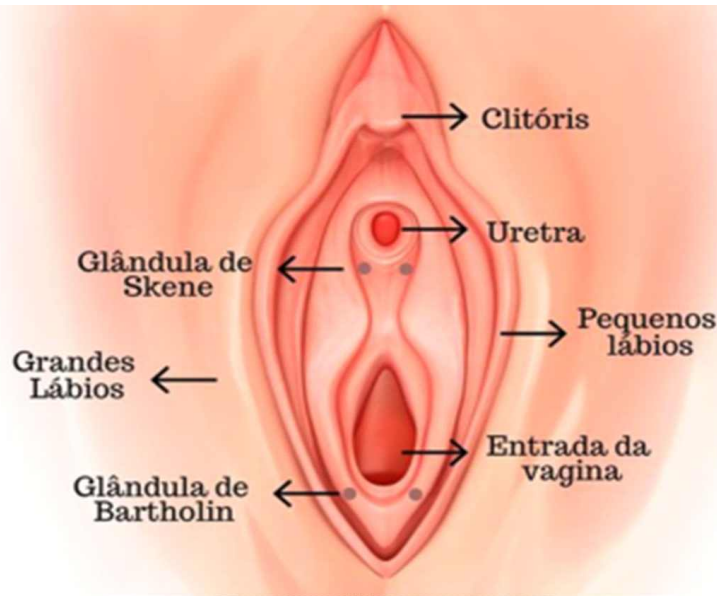
Como afirma Ramos (2018) o principal órgão relacionado à sexualidade e ao prazer dos corpos de mulheres cisgênero, o clitóris, é pouco representado ou discutido nos meios de comunicação, não sendo explorada sua completa anatomia nos livros didáticos, normalmente estudada sem aprofundamento nas Escolas e Universidades, e dessa forma o desconhecimento e estranhamento sobre clitóris tornou-se normal na sociedade patriarcal, em que os corpos femininos são historicamente objetificados. Se pensamos na

¹ Abordamos na oficina especificamente o apagamento do prazer feminino relacionado com as mulheres cisgênero, porém, consideramos que próximos estudos podem estender as discussões a esse apagamento em pessoas transmasculinas, homens trans e pessoas não binárias.

perspectiva de uma educação sexual emancipadora (Furlani, 2009), que problematize determinismos biológicos e violências sociais (Marin e Cassiani, 2020), pensar no protagonismo e conhecimento sobre o clitóris na formação de professores(as) de ciências é importante. Na oficina foi discutido que os próprios livros didáticos e meios de comunicação apagam o clitóris pois quando apontado, só se apresenta sua porção externa, negando acesso a conhecer o clitóris na sua complexidade anatômica e fisiológica (Figura 3).

Figura 3

Imagem usada na apresentação da oficina e imagem comumente encontrada em livros didáticos.



Fonte: DraJuliatribeiro.com

O clitóris, conforme descrito por Ramos (2018), compreende tanto uma porção externa quanto interna, embora, por muito tempo, tenha sido sub-representado como uma estrutura pequena, predominantemente evidenciada por sua glândula. Esta última, junto com o prepúcio, constitui as porções externas do órgão, enquanto a maior parte de sua estrutura está situada no interior do corpo. O que nos mostra um dos porquês desconhecimento de muitos sobre essa estrutura. Para além, fazemos outra reflexão uma vez que essa ilustração comumente utilizada como padrão feita ilustrada em livros didáticos e sites informativos não condiz com a realidade uma vez que padroniza corpos e não se atenta à pluralidade, reforçando a universalidade da branquitude como padrão que representa todos os corpos (Marin e Cassiani, 2021), num país como o Brasil no qual a maioria da população se autodeclara como negra.

É imperativo reconsiderar a representação convencional dessa área específica do corpo nos livros didáticos e examinar os estereótipos e discursos deterministas que podem ser implicitamente transmitidos pela visibilidade atribuída (ou negligenciada) a esse órgão, assim como pelos aspectos selecionados para representação. A representação atual do clitóris, muitas vezes limitada a uma seta indicativa em sua porção externa, levanta questões sobre a adequação e inclusividade dessas representações.

Ainda de acordo com Ramos (2018) há a necessidade de uma abordagem mais abrangente e inclusiva, questionando a ausência ou escassez dos pelos pubianos e a tendência de representar predominantemente corpos de pessoas brancas. Para uma compreensão mais completa da anatomia e diversidade corporal, seria benéfico que tanto a vulva quanto a vagina e o clitóris fossem representadas de maneira mais detalhada em materiais educativos, incluindo uma exploração da estrutura interna do clitóris. Essa abordagem contribuiria para uma educação mais precisa, inclusiva e reflexiva sobre a anatomia humana.

(Im)possibilidades de atuação docente em relação ao prazer de mulheres cisgênero

No momento 3 de nossa pesquisa, ao propor uma situação problema na escola, os(as) futuros(as) professores(as) se depararam com um conflito acerca da temática educação sexual nas escolas básicas, ao serem questionados de que forma lidariam com a situação obtivemos alguns posicionamentos. Identificamos esses posicionamentos com códigos-letras aleatórias:

“Talvez não falaria, pois isso ainda é um assunto bastante complicado. Falaria que é normal, mas não entraria a fundo no assunto” (Participante A).

“Responderia que isso é normal, porém não tenho qualificação para dar orientação a essa criança.” (Participante F).

Observamos a partir dessas respostas que os(as) participantes, apesar de responder à pergunta, se abstém de esclarecimentos, refletindo indiretamente a falta de preparo para lidar com a temática e/ou até falta de conhecimento suficiente para embasar uma resposta plausível à situação proposta. Como afirmam Santos e colaboradores (2022), é evidente que a formação de professores de Química fica em muitas ocasiões limitada somente às questões de ensino, sem ter aprofundamento, deixando assuntos transversais que podem ser discutidos em qualquer área de ciências. Independentemente da área de conhecimento, professores(as) podem se ver confrontados(as) com situações e questionamentos relacionados com gênero e sexualidade. Além disso, professores(es) formados(as) em química, muitas vezes assumem aulas de ciências, nas quais devem abordar conteúdos de sexualidade a anatomia humana, daí a importância de que as discussões sobre o clitóris e prazer feminino assumam maior protagonismo na formação desses(as) professores(as). O posicionamento a seguir reforça a dificuldade de inclusão dessas discussões na formação inicial de professores(as) de ciências e química. A dificuldade para lidar com contextos socioculturais, mas apenas saberes científicos sistematizados, respostas que coincidem com outros discursos elaborados pelos outros participantes da pesquisa.

“Não sei o que faria” (Participante C).

Em segundo plano, encontramos também outros posicionamentos:

“Tendo uma maturidade e trazendo o fato de que não seria a hora certa para falar sobre esse assunto, iria falar para que ela não tenha pressa para saber sobre esse assunto ainda, pois ainda era muito cedo.” (Participante B).

Bem como nos posicionamentos dos(as) participantes A, F e C, identificamos que o silenciamento e evasiva da discussão sobre a temática em sala de aula é um ambiente mais confortável para os(as) participantes, uma vez que se isentam de se posicionar diante situação proposta, associando principalmente educação sexual e etarismo, pois pressupõe de forma empírica o estabelecimento de idade adequada para falar sobre a temática “educação sexual”. Dessa maneira, encontramos que essa evasiva pode estar relacionada com o pânico pedagógico (Marin, 2019) que ainda permeia o imaginário de abordar educação sexual emancipadora (Furlani, 2009), ainda mais quando se trata de crianças e adolescentes. Afirmativa que vai de encontro com outros posicionamentos:

“Não é uma doença. É algo normal, mas ainda não está na idade de dar continuidade.” (Participante D).

Sob um outro panorama há as respostas que trazem a dificuldade de lidar com essa temática dentro de sala de aula, seja por causa do currículo, pelo embate com a direção da escola ou até mesmo por medo de como os pais dos alunos se portariam em decorrência das influências religiosas, sociais e culturais:

“É normal, não é uma doença, porém, nesse caso de responder a mesma sobre a ação, eu chamaria em particular para uma conversa e explicar sobre, relatando alguns pontos, entretanto sob orientação da direção, uma vez que esse assunto é bastante complexo, mas é de suma importância. Contudo, o próprio currículo tem deixado de lado (proibido que a escola trate sobre questões de educação sexual). Acredito que esse assunto deve ser tratado com mais relevância, criando formas para combater todos os males que esse assunto vem causando. Deve ser uma parceria dos que estão no poder, com a escola, pais e comunidade.” (Participante E).

“[...] teríamos que questionar o fato de os livros didáticos não abordarem educação sexual, pensando nas influências ideológicas que o currículo sofre, houve um silenciamento nos últimos anos a respeito da educação sexual, devido à influência religiosa no currículo.” (Participante G).

Esse medo e precaução são justificados pela situação atual de ascensão do poder conservador associado ao impacto do crescimento da extrema direita, das igrejas evangélicas e dos militares em espaços políticos e no controle dos currículos escolares, construindo espaços de censura e perseguição aos(as) professores(as) que abordem conteúdos de educação sexual, e inclusive, conteúdos amplamente aceitos cientificamente tais como evolução (Santos et al 2021). Esse contexto sociocultural e político de censura, alinhado às dificuldades na formação inicial de professores(as) de ciências e química por incluir essas discussões se constituem como obstáculos que dificultam construir práticas de educação sexual emancipadora que destaquem o protagonismo e importância do prazer feminino e questões de gênero na educação científica.

Conclusões

De modo geral, podemos perceber durante toda a pesquisa como o apagamento do prazer feminino, especificamente em mulheres cisgênero, se apresenta de modo pragmático na sociedade na forma da MGF e de modo ideológico estando presente no silenciamento da temática tanto dentro das salas de aula no nível básico, médio e superior. Analisando os dados, torna-se evidente as dificuldades para a inclusão dessas discussões no preparo e formação dos(as) futuros(as) professores(as) da área de Ciências e química, e como isso contribui para que o próprio ensino em Ciências Naturais faça com que o clitóris, muitas vezes, seja negligenciado ou ignorado em discussões sobre prazer sexual, contribuindo para uma visão distorcida da sexualidade feminina. Entendendo que essa narrativa perpassa também as sociedades, que no geral possuem bases patriarcais, sendo questões que transcendem o âmbito puramente anatômico e se estende ao domínio simbólico e cultural.

Portanto, pode-se concluir que, é de suma importância a inserção dos estudos e debates de gênero e sexualidade dentro das salas de aula, não vendo essas questões como um problema, mas entendendo como uma oportunidade de reconhecer e desafiar esses estereótipos, que acabam se constituindo como um dos principais fatores para manter a sexualidade e prazer feminino como um tabu dentro da nossa sociedade. Com o intuito de desenvolver e fortalecer o pensamento crítico dos indivíduos e fomentar espaços de educação emancipadora, que podem permitir problematizar violências reproduzidas nos contextos escolares e na educação científica em nome da heteronormatividade, cisgeneridade e binarismo estrutural, usando da educação inclusiva e dos saberes das Ciências como forma de uma mudança e transformação sociocultural.

Em pesquisas futuras acerca desta temática, recomenda-se que seja abordado não somente a MGF e apagamento simbólico do clitóris em mulheres cisgênero, mas pessoas com clitóris no geral, que seja abordada também esta questão em homens trans, pessoas transmasculinas e não binárias, e o entendimento do clitóris em pessoas que passaram pela chamada cirurgia de redesignação sexual. Outro ponto também, incluir nas intervenções pedagógicas e didáticas, imagens que apresentem o clitóris internamente, não se limitando apenas a representações externas do órgão.

Referências

- Badran, M. (2013). *Feminism in Islam: secular and religious convergences*. London: Oxford Press.
- Boccatto, V. (2006). Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 18(3), 265-274.
- Bourdieu, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Figueiró, M. (1996). Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. *Semina: Ci. Sociais/Humanas*, 17(3), 286-293.
- Furlani, J. (2009). Educação sexual: quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. *Perspectiva*, 26(1), 283-317.
- Marin, Y. (2019). Percepções de professores de química em formação, sobre assuntos de gênero e sexualidade e as possibilidades de abordá-los no ensino de química. *Scientia Naturalis*, 1(2), 130-143.
- Marin, Y. (2019). Problematizando el discurso biológico sobre el cuerpo y género, y su influencia en las prácticas de enseñanza de la biología. *Revista Estudos Feministas*, 27(3), e56283.
- Marín, Y. & Cassiani, S. (2020). Outras respostas para uma velha pergunta: Por que e Para que ensinar biologia? *Perspectivas educativas*, 10(1), 17-46.
- Marín, Y. & Cassiani, S. (2021). Como seria o mundo se os homens cisgêneros também menstruassem? Outras abordagens sobre a menstruação no ensino de ciências e biologia. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 14(22), 94-122.
- Marin, Y. & Oliveira, M. (2019). Problematizando as relações entre química-biologia e questões de gênero: Possibilidades e desafios na Educação de Jovens e Adultos. *Revista Debates Em Ensino De Química*, 5(2), 19-38.
- Moreno, J., & Ussa, E. (2007). ¿Qué biología enseñar y cómo hacerlo? Hacia una resignificación de la biología escolar. *Tecne episteme y Didaxis TED*, (22), 126-145.
- Oberreiter, J. (2008). A cut for a lifetime. The case of female genital mutilation among the community of Guinea Bissau in Lisbon. Dissertação de Mestrado em Direitos Humanos e Democratização, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Ramalho, C. & Vieira, J. (2020). O escutar do silêncio – O que está por trás da mudança da BNCC sobre as estruturas de gênero. *Interfaces Científicas. Educação*, 8(3), 483-496.
- Ramos, M. (2018). *Precisamos Falar Sobre O Clitóris Na Escola: Investigando Representações De Estudantes De Graduação Em Biologia Acerca Do Clitóris*. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Rufino, C., Pires, L., Oliveira, P., Souza, S., & Souza, M. (2013). Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 4, 983-991.
- Santos, M., Miesse, M., Carvalho, F., Queiroz, L. & Souza, V. (2021). Escola sem partido e as discussões de gênero e sexualidade: Impactos curriculares. *Linhas críticas*, 27, e35543.
- Santos, T., Dutra-Pereira, F. & Bortolai, M. (2022). 'É Preciso Estarmos Atentos E Fortes!': Conhecendo Gênero E Performatizando Sexualidade Nos Estudos Dos Encontros Nacionais No Ensino De Química. *Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática*, 2(2), 147-168.
- Snoek, J. (1981). *Ensaio de Ética Sexual*. Editora Paulinas, São Paulo.
- Vitiello, N. (1998). EDITORIAL. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 9(1).